

A universidade popular na perspectiva de Michel Onfray

Kelly Victor
Margarita Victoria Gomez

ONFRAY, Michel. *La comunidad filosófica*: manifiesto por una universidad popular. Trad. e notas de Antonia García Castro. Barcelona: Gedisa, 2008. 155 p.

O livro apresenta as propostas de ensino e as motivações filosóficas que levaram a construir a Universidade Popular em Caen, na França.

Michel Onfray, doutor em Filosofia, atuou durante 20 anos como professor do ensino médio no Liceu de Caen. Em 2002, pediu demissão do Liceu e, no mesmo ano, em outubro, fundou a Universidade Popular de Caen, junto com um pequeno grupo de professores, cujas concepções fundam-se na filosofia epicurista e numa pedagogia libertária.

No livro, dividido em duas partes, o autor propõe a defesa de seu projeto de uma universidade popular, que na verdade é um ideal de educação de acesso a todos e uma crítica extremamente enfática ao ensino elitista de filosofia.

Na introdução, Onfray prevê um novo tipo de jardim de Epicuro, retratado como um jardim virtual, acessível a todos, construído com base em uma antirrepública e numa sociedade microrresistente. Apresenta o ensino da filosofia como a chave para a construção desse novo jardim.

Na primeira parte, o autor traz uma reflexão sobre o conceito de filosofia, sobre as peculiaridades do ensino da disciplina no meio escolar e acadêmico e sobre o modo de conceber o “café filosófico”. Remete à história da filosofia desde os primórdios dos tempos, definindo-a como “una actividad reflexiva y de meditación que da lugar a una existencia em consecuencia” (p. 38). Faz uma crítica severa ao Cristianismo, que, para ele, se apodera da filosofia e a transforma em uma disciplina que serve somente aos interesses do poder ideológico do Estado:

Cuando con el acceso de Constantino al poder el cristianismo se vuelve oficial, la filosofía define la disciplina que ajusta la doctrina evangélica al poder del Estado. [...] Desde entonces, filosofar es producir concepto, ideas, justificaciones teóricas y argumentos para un poder que impone su imperio sobre cuerpos y almas. (p. 43).

Retrata criticamente a institucionalização da filosofia, que passa a ser legitimada como uma disciplina a ser ensinada no último ano do ensino secundário, orientada pelas diretrizes do Ministério de Educação:

De ahí una legitimación mediante la institución – la más eficaz – y un devenir institucional de la disciplina: los amigos de Platón pasan a ser los únicos filósofos auténticos y dignos de ese nombre. Los otros sencillamente no son filósofos. (p. 56).

O autor ainda enfatiza:

Este corpus se cristaliza en un conjunto de libros jamás cuestionados: los autores de los manuales [...] no leen los textos originales y no eligen los extractos em función de los intereses que deberían conducir su presentación, a partir de las obras completas leídas, releídas o trabajadas nuevamente con ese fin. Copian, roban y explotan por la cara los manuales que sus colegas editan.

Na contramão dessa institucionalização, ao criar a Universidade Popular, Onfray busca a quebra desse modo de conceber o ensino de filosofia, propondo um modo de pensar livremente, de estabelecer hipóteses de leitura acerca dos textos filosóficos estudados e, principalmente, de demonstrar aos alunos que a filosofia ajuda a pensar o mundo em que vivemos.

Em relação ao café filosófico, o autor mostra-o como um beco sem saída, cujos temas não são escolhidos de forma democrática, caracterizando-o como um psicodrama individual ou coletivo e não como um mecanismo para promover debate e reflexões acerca das questões sociais.

Na segunda parte do livro, a discussão volta-se para suas experiências na construção de uma nova definição do ensino de filosofia na Universidade

Popular. Defende a liberação da filosofia de sua posição estritamente ideológica, propondo uma mais popular e democrática, acessível a todos os cidadãos. Argumenta:

Contra la práctica incestuosa de la filosofía, aquí van algunos remedios: proceder a la mezcla; a contrapelo de la endogamia, practicar la exogamia; para terminar con la sociedad cercada, producir una sociedad abierta; para abolir el reino de la *entreglosa* de los textos, buscar la glosa del mundo; para ir más allá del profesor especialista, anatomista, del cuerpo frío de la historia de la filosofía, establecer el poder de los filósofos, de los amantes del cuerpo cálido de la vida, reanudar la práctica de la filosofía antigua y restituir la filosofía a quien le pertenece – quienquiera que se adueñe de ella a condición de que el uso que haga de la misma no sea contradictorio con las promesas anunciadas: la construcción de una subjetividad soberana. (p. 111-112).

O filósofo deve dirigir-se ao povo, rejeitando a crença de que democracia e povo sejam grosserias. Uma filosofia com e ao serviço do povo não pode ser demagógica e populista, pois não se faz na adulação dele, deformando e debilitando o seu potencial inventivo e criador. O filósofo deve evitar o consumo da filosofia formatada por editores comerciais de ideias:

¿A quién, pues, debe dirigirse el filósofo? Al pueblo. Pero qué pueblo si se decreta que éste es imposible de encontrar, inexistente. El hecho mismo de usar ese término provoca de inmediato epítetos infamantes: demagógico, populista - como si democracia y popular se hubiesen convertido en groserías y en temas tabúes -. ¿Qué dice una filosofía demagógica y populista? Lo que el pueblo quiere escuchar para tener la impresión de ser filósofo a bajo coste; lo adula, le dice que basta con querer no para poder, sino para ser; que la filosofía puede ser ejercida por todos - como la poesía según Lautréamont - si hacemos la vista gorda con el contenido y los efectos producidos; por último, que se trata menos de alzar el público hacia la filosofía que de lograr que ésta descienda hasta las estrechas posibilidades de las mayorías: es el reino de la deformación de la filosofía que, desde el café filosófico hasta la escritura de los libros que la mercantilizan, oculta una parte del terreno filosófico, pero que sobre todo permite creer que esta disciplina sublime se puede asimilar con semejante potaje infame. (p. 42-43).

As misérias da filosofia, conseguidas ao legitimar, institucionalizar, escolarizar e deformar, confrontam-se com o movimento de elevá-la, de ampliá-la, de cartografar, de inovar e, por uma pedagogia libertária, realizar a universidade popular com o intelectual coletivo para restaurar a filosofia com o povo:

crear universidades populares que, mediante un intelectual colectivo, produzcan las condiciones de posibilidad de una escultura de sí mismo, de una bella individualidad. He aquí un elogio, por tanto, de las revoluciones moleculares. (p. 60).

Onfray defende o ato de questionar, que é inato no ser humano, dando como exemplo as crianças que, desde pequenas, possuem o hábito de argumentar sobre as coisas do mundo. Enfatiza uma pedagogia

libertadora: "Contra esta educación autoritaria, castradora, que malogra el potencial filosófico, practiquemos una pedagogía libertaria que cultive esta potencia magnífica" (p. 134). Para ele, um pedagogo libertador "trabaja en función de hacerse a un lado en términos personales y cultivar la potencia interrogativa de toda subjetividad infantil" (p. 134).

O livro é notável. De postura crítica e intencionalmente provocadora, resume o breve projeto de Michel Onfray para ensinar a filosofia. Concretiza-se, portanto, em uma rica experiência que pode ser compartilhada por todos aqueles que acreditam no potencial democrático, utópico e transformador da filosofia na sociedade em que vivemos.

Kelly Victor, graduada em Pedagogia pela Universidade de São Paulo (USP), é mestranda em Educação na Universidade Nove de Julho (Uninove), São Paulo, SP.

k.victor81@hotmail.com

Margarita Victoria Gomez, doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP), na área de concentração Cultura, Organização e Educação (2002), é pesquisadora e orientadora acadêmica em programas da USP e professora do programa de pós-graduação da Universidade Nove de Julho, São Paulo, SP, Brasil.

marvict@ymail.com